

Contabilidade como ciência e sua epopéia

Accounting as a science and its epopéia

Marcelo Rabelo Henrique ¹; Wendell Alves Soares ²; Antônio Saporito ¹; Sandro Braz Silva ¹,

RESUMO

No decorrer desta pesquisa conseguimos concluir que a contabilidade é uma ciência social, tendo como objetivo primordial o fornecimento de informações relevantes para os diversos usuários da contabilidade. Pode-se constatar que a Contabilidade está intimamente correlacionada com o desenvolvimento do homem e juntamente com o capitalismo. A Contabilidade não tem uma metodologia de pesquisa principal para o desenvolvimento da teoria Contábil, pode se dizer que cada método como indutivo, dedutivo, positivista e normativa contribuem de seu modo para o desenvolvimento da Ciências Contábeis. O problema de pesquisa foi: A Contabilidade é uma Ciência? Sim, pois ela possui as características de tal. Ela possui objeto próprio que é Patrimônio das Entidades por meio de conhecimento racional, com as condições de generalidade, certeza e busca das causas, em nível qualitativo semelhante às demais ciências sociais.

Palavras-chave: Contabilidade; Método de pesquisa; Sociedade;

ABSTRACT

In the course of this research, we were able to conclude that accounting is a social science, with the primary objective of providing relevant information for the various users of accounting. It can be seen that Accounting is closely correlated with the development of man and together with capitalism. Accounting does not have a main research methodology for the development of Accounting theory, it can be said that each method, such as inductive, deductive, positivist and normative, contributes in its own way to the development of Accounting Sciences. The research problem was: Is Accounting a Science? Yes, because it has the characteristics of such. It has its own object that is the Heritage of Entities through rational knowledge, with the conditions of generality, certainty and search for causes, at a qualitative level similar to other social sciences.

Keywords: Accounting, Science, Research methods, Society.

¹ Universidade Federal de São Paulo

*E-mail: marcelo@mrhenriqueconsult.com.br

² Universidade Presbiteriana Mackenzie

INTRODUÇÃO

Para que se entenda a Contabilidade como um ramo importante do saber é, necessário conhecer a suas profundas origens.

Estamos inseridos nos dias atuais na sociedade do conhecimento, ou seja, a informação é um fator decisivo para as instituições que queiram permanecer no mercado competitivamente e a contabilidade é uma arma importante para tais instituições.

Existem tantas teorias a respeito do que seja conhecimento que seguem abaixo algumas formas conforme Montingelli (2008, p. 09):

... Desde o tempo de Platão houve somente duas teorias no ocidente e duas no oriente relativas ao significado e a função do conhecimento.

Sócrates afirma que a única função do conhecimento é o autoconhecimento: o crescimento intelectual, moral e espiritual da pessoa.

Protágoras, afirma, entretanto que a finalidade do conhecimento é tornar seu detentor eficaz, capacitando-o, a saber, o que dizer e como fazê-lo.

Para o confucionista, o conhecimento significava saber o que dizer e como fazê-lo como o caminho para o aperfeiçoamento e o sucesso na Terra.

Para o taoísta e para o monge Zen, conhecimento significava autoconhecimento e o caminho para o esclarecimento e a sabedoria.

Essas definições de conhecimento não significavam a capacidade de fazer.

Salienta - se que nesse período utilidade não era conhecimento, mas sim aptidão.

O conhecimento formal é visto, ao mesmo tempo, como recurso chave pessoal e econômico. Na verdade, o conhecimento é hoje o único recurso com significado.

Desejáveis ou não, esses fatos são respostas a uma mudança irreversível: o conhecimento está hoje sendo aplicado ao conhecimento.

Para Montingelli (2008, p.23): “Hoje vemos o conhecimento como recurso essencial da Terra, mão de obra e capital são importantes, mas principalmente como restrições”.

O fato de o conhecimento ter passado a ser o recurso, ao invés de um recurso, é que torna nossa sociedade “pós-capitalista”. Este fato muda fundamentalmente a estrutura da sociedade. Ele cria novas dinâmicas sociais e econômicas.

Salienta-se que a Contabilidade como ramo do saber será de valor inestimável para as instituições que utiliza – lá como fonte de informações e conhecimento.

A Contabilidade está intimamente ligada com o desenvolvimento da sociedade e arraigada com o capitalismo.

1.1 - Objetivo

Diante do exposto o objetivo desta pesquisa é:

Evidenciar a inter-relação da Contabilidade com a Ciência.

A intenção de evidenciar vai além da enumerativa. A pesquisa propõe-se a uma reflexão crítica das bibliografias existentes que mencionam que a Contabilidade é uma Ciência. A reflexão vai de encontro a uma proposta de melhoria contínua da Contabilidade como Ciência do Saber.

Em outros momentos da pesquisa propõe-se a apresentar as metodologias aplicadas a Contabilidade e demonstrando quais estão sendo utilizadas nos dias atuais. A ideia central é refletir sobre estas metodologias, podem contribuir ou não, para o Desenvolvimento da Teoria Contábil.

A ideia é contribuir para a transposição do estágio atual do conhecimento da Teoria Contábil com a nossa reflexão crítica em conjunto.

A pesquisa também se propõe a pesquisar o contexto histórico em termos das principais Escolas que contribuíram para o desenvolvimento da Contabilidade pelo mundo a fora.

Para o Karl Popper (2002, p.: 24): *“Nada é mais necessário ao investigador do que saber alguma coisa acerca da história (de uma disciplina) e acerca da lógica da pesquisa: ... a maneira de descobrir o erro, o uso de hipóteses, o uso da imaginação, o modo de efetuar testes”*.

1.2 - Problema da Pesquisa

O problema de pesquisa é: A Contabilidade é uma Ciência?

Para Popper (2002, p.: 23) *“A alegação de que, afinal de contas, o homem resolveu seus mais complexos problemas ... é pequeno consolo para o estudioso de questões filosóficas, pois que ele não pode impedir – se de temer que a filosofia jamais chegue a colocar um problema genuíno”*.

1.3 – Metodologia

A metodologia desta pesquisa foi revisão de literatura para saber o estado da arte da contabilidade como ciência.

Quanto à classificação metodológica são as seguintes classificações:

Segundo Vergara (2000, p.: 15):

É fundamentalmente motivada pela necessidade de resolver problemas concretos, mas imediatos ou não. Tem, portanto, finalidade prática ao contrário da pesquisa pura, motivada basicamente pela curiosidade intelectual do pesquisador e situada sobretudo no nível da especulação.

Quanto aos meios de investigação: Bibliográfica.

Reafirma Vergara (2000, p.: 16):

E o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral. Fornece instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa, mas também pode - se esgotar em si mesma.

2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA GERAL

2.1 – Conhecimento Popular

Para iniciarmos o nosso debate precisamos definir o conhecimento popular do conhecimento científico existente em nossa sociedade.

Com o conhecimento popular a pessoa vai descobrir informações de fatos notórios como é o caso de irrigar a planta, mas não saberá a natureza dos vegetais que já é um conhecimento pertencente ao científico.

Para Ander-Egg (1978, p.: 13-4): o conhecimento popular caracteriza-se por ser predominantemente:

Superficial, isto é, conforma-se com a aparência, com aquilo que se pode comprovar simplesmente estando junto das coisas: se expressa por frases como “porque o vi”, “porque o senti”, “porque o disseram”, “porque todo mundo o diz”;

Sensitivo, ou seja, referentemente a vivências, estados de ânimo e emoções da vida diária:

Subjetivo, pois é o próprio sujeito que organiza suas experiências e conhecimentos, tanto os que adquirem por vivência própria quanto os “por ouvi dizer”;

Assistemático, pois esta “organização” das experiências não visa a uma sistematização das idéias, nem na forma de adquirir - las nem na tentativa de validá-las;

Acrítico, pois verdadeiros ou não, a pretensão de que esses conhecimentos o sejam não se manifesta sempre de uma forma crítica.

Salienta-se que o conhecimento popular é reflexivo, mas limitado pela familiaridade com o objeto. Exemplo: Irrigar a Planta.

2.2– Conhecimento Científico

“O conhecimento científico é real porque lida com fatos ocorridos, isto é, “forma de existência que se manifesta de algum modo” (Trujillo, p.: 174:14)

Para Eva Lakatos et al. (1991, p.: 80):

Constitui um conhecimento contingente, pois suas proposições ou hipóteses têm suas veracidade ou falsidade conhecida através da experiência e não apenas pela razão, como ocorre no conhecimento filosófico. É sistemático, já que se trata de um saber ordenado logicamente, formando, um sistema de idéias (teoria) e não conhecimentos dispersos e desconexos. Possui a características da verificabilidade, a tal ponto que as afirmações (hipóteses) que não podem ser comprovadas não pertencem ao âmbito da ciência.

O conhecimento científico lida com estudos em profundidade dos supostos problemas identificado, ou seja, no âmago do problema.

Salienta-se que o conhecimento científico possui como axioma o método experimental: ela caminha apoiada nos fatos reais e concretos, afirmando somente aquilo que é autorizado pela experimentação.

2.3– Conhecimento Filosófico

O conhecimento filosófico é valorativo, pois seu ponto de partida consiste em hipóteses, observa-se: *“as hipóteses filosóficas baseiam – se na experiência, portanto, este conhecimento emerge da experiência e não da experimentação”*. (Trujillo, 1974, p.: 12)

Para o ilustre Popper (2002, p.: 23):

O filósofo vê-se em posição diversa. Ele não se coloca diante de uma estrutura organizada, mas, antes, em face de algo que semelha um amontoado de ruínas (embora, talvez, haja tesouros ocultos). Não lhe é dado apoiar-se no fato de existir uma situação problema, geralmente reconhecida como tal, pois não existir algo semelhante é possivelmente o fato geralmente reconhecido. Com efeito, tornou-se agora questão freqüente, nos círculos filosóficos, saber se a Filosofia chegará a colocar um problema genuíno.

Observa-se que o conhecimento filosófico emprega o método racional, no qual prevalece o processo dedutivo, que antecede a experiência, e não exige confirmação experimental.

2.4 - Conceito de Ciência

Para Trujillo Ferrari (1974, p.: 8), expressa:

Entendemos por ciência uma sistematização de conhecimentos, um conjunto de proposição logicamente correlacionadas sobre o comportamento de certos fenômenos que se deseja estudar: “A ciência é todo um conjunto de atitudes e atividades racionais, dirigidas ao sistemático conhecimento com objeto limitado, capaz de ser submetido à verificação”

3 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA GERAL RELACIONADOS À CONTABILIDADE

3.1 - Definição de Contabilidade como Ciência

A inicia-se esse tópico iremos definir contabilidade. A contabilidade tem como objetivo a mensuração das mutações ocorridas em determinado ente, podendo ser pessoa física ou jurídica.

Para Iudícibus (2004) e ainda Manoel Raimundo e Gilberto (2015): O objetivo principal da contabilidade (e dos relatórios dela emanados) é fornecer informação econômica física de produtividade e social relevante para que cada usuário possa tomar suas decisões e realizar seus julgamentos com segurança.

A contabilidade podemos dizer que é uma ciência? Sim, afirmativa é a resposta. Podemos, pois ela possui as características de tal. Ela possui objeto próprio que é

Patrimônio das Entidades por meio de conhecimento racional, com as condições de generalidade, certeza e busca das causas, em nível qualitativo semelhante às demais ciências sociais.

Para Sá (1998) e Cortés (2020) não permite dúvidas, pois, sobre a natureza científica do conhecimento contábil:

Tabela 01 – Natureza Científica do Conhecimento Contábil

Requisitos Lógicos Necessários a uma Ciência	Requisitos cumpridos pela Contabilidade
Possuir um objeto ou matéria específica de estudos	O Patrimônio das aziendas ou células sociais é o objeto de estudos específico.
Analisar o objeto sob um Aspecto Peculiar	A Eficácia ou satisfação das necessidades plenas das células sociais é o aspecto sob a qual a riqueza é observada.
Levantar hipóteses válidas	Hipóteses sobre Potencialidades do patrimônio, como as contingências, por exemplo, são frequentes.
Estudar os fenômenos com rigor Analítico.	Análise da liquidez, análise de custos, análise do retorno de investimentos etc.
Possuir Métodos básicos de estudo do objeto.	Os métodos Fenomenológico e indutivo axiomático são básicos.
Enunciar Verdades de valor Universal	Exemplo: quanto maior a velocidade do capital circulante, tanto menor a necessidade de capital próprio.
Permitir Previsões	Orçamentos financeiros, de custos, de lucros etc. são usuais.
Acolher Correntes Doutrinárias	Contismo, Personalismo, Controlismo, Reditualismo, Patrimonialismo, Aziendalismo, Neopatrimonialismo.
Possuir Teorias próprias.	Teoria das aziendas, teoria do redito, teoria do valor, teoria do equilíbrio patrimonial, teoria das funções sistemáticas etc. são algumas das muitas existentes.
Basear-se em conhecimentos de natureza Tradicional conquistados	Milenar é a acumulação do conhecimento contábil.
Prestar utilidade.	Aplica-se aos Modelos Comportamento da riqueza para gestão empresarial e institucional a orientação de investimentos; ao controle orçamentário e fiscal, a produção de meios de julgamento etc.

Fonte: Sá, 1998.

Salienta-se que o conhecimento contábil é, basicamente experimental.

Para Sá (1998, p.: 36) a qualificação do conhecimento contábil como científico, podemos incluir:

- a) possuir fontes de informação organizadas sistematicamente;
- b) pode enunciar verdades sobre fatos verificáveis;

- c) tem condições de descobrir novos fatos e de estabelecer modelos de situações ainda não constatáveis;
- d) por meio de sua doutrina e da experimentação, pode enunciar leis científicas, válidas universalmente;
- e) contribuir para a evolução da humanidade por seus postulados de eficácia no uso da riqueza, militando em favor do bem-estar material das células sociais, de seus componentes e de toda a sociedade.

A contabilidade é uma ciência social? Sim, ela é uma ciência social pois está diretamente ligada com o desenvolvimento da sociedade.

Pode-se afirmar que a contabilidade está diretamente ligada ao desenvolvimento da sociedade e também no âmago da sociedade capitalista.

A Resolução do CFC Resolução CFC nº 774/94:

..... Na premissa de que a Contabilidade é uma ciência social com plena fundamentação epistemológica. Por conseqüência, todas as demais classificações - método, conjunto de procedimentos, técnica, sistema, arte, para citarmos as mais correntes - referem-se a simples facetas ou aspectos da Contabilidade, usualmente concernentes à sua aplicação prática, na solução de questões concretas.

Alguns autores como o ilustre Antônio Lopez de Sá dizem que “... *busco-se enquadrar o conhecimento contábil dentro da lógica, da filosofia das ciências, para consolidar sua natureza de conhecimento superior*”. (1998, p.: 30).

A fundamentação que Sá (1998, p.: 31) utilizou para identificar a contabilidade sob a ótica filosófica implicou determinar:

- a) natureza do conhecimento (forma de identificar os acontecimentos);
- b) natureza do fenômeno ou objeto de estudos (identificação real da matéria que se estuda);
- c) finalidade do conhecimento (para que se estuda e onde se aplica o conhecimento contábil);
- d) métodos de estudos (maneira de raciocinar escolhida para a Contabilidade);
- e) relações lógicas do fenômeno (o que acontece para que o fenômeno patrimonial possa ser formado e o que influi para isto);
- f) lógica conceptual (como dar nome aos fenômenos da riqueza individualizada e como raciocinar para encontrar um nome adequado);
- g) lógica das proposições (como usar os conceitos para enunciar verdades sobre o comportamento do patrimônio individualizado ou aziendal);
- h) bases da estruturação teórica (como reunir as proposições para conseguir estudar e desenvolver matéria do conhecimento contábil);
- i) classificação científica (no campo científico onde melhor se enquadra a Contabilidade);
- j) sistematização dos fenômenos e análise sistemática (qual a ótica organizada, racional e de correlação entre os componentes do patrimônio de acordo com as diversas finalidades do uso da riqueza);
- k) correlações do conhecimento (como estabelecer o uso de conhecimentos de outras disciplinas, mantendo a autonomia científica da Contabilidade) etc.

Como vimos anteriormente, pode-se dizer que a contabilidade é uma ciência filosófica? Pelos estudos que foram realizados para a confecção do presente trabalho a contabilidade não é uma ciência filosófica e sim puramente ciência, pois ela realiza experimentações.

Para Popper (2002, p.: 51):

... Pesquisa científica deve ser identificada com a teoria do método científico. A teoria do método, na medida em que se projeta para além da análise puramente lógica das relações entre enunciados científicos, diz respeito à escolha de métodos – a decisões acerca da maneira de manipular enunciados científicos. Naturalmente, tais decisões dependerão, por seu turno, do objeto que selecionemos dentre os numerosos objetivos possíveis.

3.2 - Metodologias da Contabilidade

Toda ciência possui uma forma preferencial de escolher um critério para a condução dos raciocínios.

Para Sá (1998, p.: 73):

Na realidade, todos os critérios racionais são válidos, quando a meta é explicar por que as coisas ocorrem, enunciando a verdade sobre o acontecimento. Aprender a pensar, saber pensar, é a questão fundamental para o progresso do conhecimento, para a compreensão plena das coisas, para caminhar sem sinuosidades em direção ao verdadeiro; a tal forma de proceder ao método oferece segurança.

A teoria em contabilidade pode ser classificada? Abaixo, seguem algumas teorias relacionadas à contabilidade.

3.2.1 - Teoria como linguagem

A contabilidade pode ser uma teoria como linguagem, pois é uma linguagem no mundo dos negócios.

Para o Hendriksen (1999, p.: 29):

Os teóricos afirmam que há três perguntas a serem feitas a respeito de uma linguagem e das palavras e frases que compõem essa linguagem:
Que efeitos terão as palavras sobre os ouvintes?
Que significado terão essas palavras, se houver algum?
As palavras fazem sentido lógico?

As respostas para essas questões Hendriksen diz (1999, p.: 29):

As respostas a cada uma dessas perguntas formam parte do estudo de uma linguagem. A pragmática é o estudo do efeito da linguagem; a semântica é o estudo do significado da linguagem; e a sintaxe é o estudo da lógica ou gramática da linguagem.

Salienta-se que a teoria que busca base na semântica consiste em encontrar maneiras de melhorar a interpretação das informações.

Para Hendriksen diz (1999, p.: 29):

A semântica é importante porque, em termos ideais, a informação financeira possui conteúdo econômico ou físico reconhecido tanto por seus produtores quanto por seus usuários. Em contabilidade, a sintaxe é importante porque, idealmente, um dado financeiro está logicamente relacionado a outro.

Considerando esse tripé (sintático, semântico e pragmático) a teoria da contabilidade tem como objetivo primordial a relevância das informações para os usuários e assim, aprimorando esses relatórios para satisfazer as expectativas dos usuários?

3.2.2 - Teoria como Raciocínio

Para Hendriken diz (1999, p.: 29): "... consiste em perguntar se os argumentos fluem de generalizações a observações específicas (raciocínio dedutivo), ou se vão de observações específicas a generalizações (raciocínio indutivo)".

Salienta-se que as generalizações em contabilidade se iniciam pelos postulados.

Para Hendriken diz (1999, p.: 29):

.... A contadores esperam deduzir princípios contábeis que sirvam de base para aplicações concretas ou práticas. No método dedutivo, as aplicações e as regras práticas são deduzidas dos postulados, e não da observação da prática. No método indutivo, os princípios são obtidos a partir da melhor prática existente.

Salienta-se que teremos um tópico a frente explicando sobre os Raciocínio Indutivo e Dedutivo.

3.2.3 - Método Indutivo

O método indutivo parte do específico para conclusões gerais.

Para Hendriken (1999, p.: 30): "Um argumento indutivo típico começa com um conjunto de exemplos particulares, alegações de que esses exemplos são representativos de algum todo mais amplo, e daí faz alguma generalização a respeito desse todo".

Salienta-se que as ciências que se baseiam na experimentação são denominadas empíricas.

Para Karl Popper ciência empírica pode ser: (2002, p.: 27):

Um cientista, seja teórico ou experimental, formula enunciados ou sistemas de enunciados e verifica-os um a um. No campo das ciências empíricas, para particularizar, ele formula hipóteses ou sistemas de teorias, e submete-os a testes, confrontando-os a teste, confrontando-os com a experiência, através de recursos de observação e experimentação. A tarefa da lógica da pesquisa científica, ou da lógica do conhecimento, ou seja, analisar o método das ciências empíricas.

Para Sá indução é: (1998:75): "*Essa forma de conduzir o raciocínio com base em alguma coisa observada, percebida, para um ponto ou conclusão determinada a respeito da mesma, em relação a uma generalidade, é o que caracteriza a indução*".

Para Eva Laktos et al. (1991, p.: 87): devemos considerar três elementos fundamentais para toda indução, isto é a indução realiza-se em três etapas (fases):

- a) *Observação dos fenômenos* – nessa etapa observamos os fatos ou fenômenos e os analisamos, com a finalidade de descobrir as causas de sua manifestação;
- b) *Descoberta da relação entre eles* – na segunda etapa procuramos por intermédio da comparação, aproximar os fatos ou fenômenos, com a finalidade de descobrir a relação constante entre eles;
- c) *Generalização da relação* – nessa última etapa generalizamos a relação encontrada na precedente, entre os fenômenos e fatos semelhantes, muitos dos quais ainda não observamos (e muitos inclusive inobserváveis).

Portanto, o primeiro passo, é observar os fenômenos, posteriormente, a seguir, à classificação, isto é agrupamento de fatos ou fenômenos da mesma espécie, segundo a relação entre eles e o terceiro e último passo é a classificação, fruto da generalização da relação analisada.

Segundo o ilustre Karl Popper (2002, p.: 27):

... As ciências empíricas caracterizam-se pelo fato de empregarem os chamados “métodos indutivos”. De acordo com essa maneira de ver, a lógica da pesquisa científica se identificaria com a Lógica Indutiva, isto é, com a análise lógica desses métodos indutivos. É comum dizer-se “indutiva” uma inferência, caso ela conduza de enunciados singulares (por vezes denominados também enunciados particulares), tais como descrições dos resultados de observações ou experimentos, para enunciados universais, tais como hipóteses ou teorias.

A vantagem do método indutivo reside em não ser necessariamente limitado a um modelo preestabelecido, ou seja, o campo das experimentações empíricas é ilimitado.

“Aristóteles (1998, p.: 75), há quase dois e meio milênios, já considerava o método indutivo como o que conduz o pensamento das coisas particulares para as gerais”.

Exemplo de Método indutivo para Eva Lakatos et al. (1991, p.: 87):

Observo que Pedro, José, João etc. são mortais; verifico a relação entre ser homem e ser mortal; generalizo dizendo que todos os homens são mortais:

Pedro, José, João .. São mortais.
Ora, Pedro, José, João .. São homens
Logo, (todos) os homens são mortais.
Ou,
O homem é Pedro é mortal.
O homem José é mortal
O homem João é mortal
..... *Todo homem é mortal.*

O princípio da indução tem que ser, por sua vez enunciado universal conforme o exemplo acima.

Para o ilustre Karl Popper o método indutivo (2002, p.: 30):

... Pode atingir algum grau de “confiabilidade” ou probabilidade. Conforme essa doutrina, as inferências indutivas apresentam-se como inferências prováveis. Para nós, diz Reichenbach, o princípio de indução é o meio pelo qual a Ciência decide acerca da verdade. Mais precisamente, deveríamos dizer que ele serve para decidir acerca da probabilidade, pois não é dado a Ciência chegar seja a verdade, seja a falsidade (...), mas os enunciados científicos só podem atingir graus sucessivos de probabilidade, cujos inatingíveis limites, superior e inferior, são a verdade e a falsidade.

Podemos constatar que o método indutivo está estritamente ligado com a probabilidade.

Para Sérgio Iudícibus o processo indutivo em contabilidade (2004, p.: 30):

Este processo consiste em obter conclusões generalizantes a partir de observações e mensurações parciais detalhadas. Em contabilidade, por exemplo, a aplicação da indução seria feita pela observação e análise de informações financeiras relativas a empresas e entidades.

3.2.4 - Método Dedutível

Para Sérgio Iudícibus (2004, p.: 30) o processo dedutível:

O raciocínio dedutivo em contabilidade é o processo de iniciar com objetivos e postulados e, destes derivar princípios lógicos que provêm as bases para as aplicações práticas ou concretas. Assim, as aplicações práticas são derivadas de raciocínio lógico. Segundo Hendriksen, a estrutura do processo dedutivo deveria incluir os seguintes passos:

- a) A formulação de objetivos gerais ou específicos dos relatórios contábeis;
- b) A declaração dos postulados de contabilidade concernentes ao ambiente econômico, político ou sociológico no qual a contabilidade precisa operar;
- c) Um conjunto de restrições a fim de guiar o processo de raciocínio;
- d) Uma estrutura, um conjunto de símbolos ou framework (contexto), no qual as idéias podem ser expressas e sumarizadas;
- e) O desenvolvimento de um conjunto de definições;
- f) A formulação dos princípios ou declarações gerais de política, derivados do processo lógico; e
- g) A aplicação dos princípios a situação específica e o estabelecimento de métodos de procedimentos e normas.

Salienta-se que um dos problemas do método dedutível é que, se por ventura alguma premissa for falsa, as conclusões conseqüentemente serão falsas, embora logicamente deduzidas.

Para Karl Popper (2002, p.: 27) a prova dedutiva é:

.....o método de submeter criticamente à prova as teorias, e de selecioná-las conforme os resultados obtidos, acompanha sempre as linhas expostas a seguir. A partir de uma idéia nova, formulada conjecturalmente e ainda não justificada de algum modo – antecipação, hipótese, sistema teórico ou algo análogo – podem-se tirar conclusões por meio de dedução lógica. Essas conclusões são em seguida comparadas entre si e com outros enunciados pertinentes, de modo a descobrir-se que relações lógicas (equivalência, dedutibilidade, compatibilidade ou incompatibilidade) existem no caso.

Para Hendriksen o raciocínio dedutivo é (1999, p.: 30):

Um método mais preciso de formulação da lógica do raciocínio dedutivo é encontrado no enfoque axiomático ou matemático à teoria da contabilidade. Neste método, são conferidos símbolos matemáticos a alguns conceitos e idéias. O arcabouço é construído sob a forma de modelos matemáticos que utilizam álgebra matricial ou lógica simbólica. Restrições podem ser aplicadas sob a forma de expressões matemáticas. Portanto, partindo – se de postulados e regras de inferências lógicas, é possível formular e testar teoremas por meio de operações matemáticas.

Observa-se que a teoria não precisa ser totalmente prática para que seja útil ao estabelecimento de procedimentos eficazes.

Para Sá (1998, p.: 79): “*Se o método indutivo toma por diretriz o paradigma de um axioma, ou seja, de uma grande verdade inquestionável, cresce sua capacidade de ser útil ao raciocínio*”.

A contabilidade oferece um desses axiomas que me parece ser o mais relevante diante das relações lógicas constantes que estruturam a essência do fenômeno patrimonial.

Pode-se observar que os autores Hendriksen e Sá se divergem em relação ao axioma da contabilidade.

Para Hendriksen (1999, p.: 30): *“A principal finalidade da teoria é gerar um referencial para o desenvolvimento de novas idéias e novos procedimentos e ajudar na escolha entre procedimentos alternativos”*.

Para Karl Popper (2002, p.: 33) podemos distinguir quatro diferentes linhas ao longo das quais se pode submeter à prova uma teoria são elas:

Há, em primeiro lugar, a comparação lógica das conclusões umas às outras, com o que se põe à prova a coerência interna do sistema. Há, em segundo lugar, a investigação da forma lógica da teoria, com o objetivo de determinar se ela apresenta o caráter de uma teoria empírica ou científica, ou se é, por exemplo, tautológica. Em terceiro lugar, vem à comparação com outras teorias, com o objetivo sobretudo de determinar se a teoria representará um avanço de ordem científica, no caso de passar satisfatoriamente as várias provas. Finalmente, há a comprovação da teoria por meio de aplicações empíricas das conclusões que dela se possam deduzir.

3.2.5 – Teoria Normativa e Positiva

Salienta-se que a teoria normativa está apoiada no método dedutivo, procura, de forma prescritiva, demonstrar como a contabilidade deveria ser, à luz de seus objetivos e postulados, que são dados indiscutíveis.

Para Eliseu Martins (2005, p.: 11): *“A abordagem normativa é mais bem visualizada na observação de recomendações contábeis advindas de órgãos reguladores e teóricos da contabilidade”*.

Para Sérgio Iudícibus: (2004, p.: 31): *“A teoria positiva, que surgiu na década de 60, procura explorar o caminho inverso, ou seja, descrever como a contabilidade é, entender por que é assim e procura prever comportamentos”*.

Observa-se que a teoria positivista está alicerçada no método indutivo.

Para Eliseu Martins (2005, p.: 13):

Essa nova visão dominou rapidamente a pesquisa acadêmica em contabilidade no mundo anglo saxão e o seu pilar fundamental foi estabelecido pelo FASB em 1978 no Statement of Financial Accounting Concepts nº 1 que afirmou: Os relatórios financeiros devem fornecer informações que sejam úteis para os investidores atuais e futuros, credores e outros usuários na verificação dos montantes, periodicidade e incerteza relacionados aos seus recebimentos futuros de caixa.. Uma vez que os fluxos de caixa dos investidores e dos credores estão relacionados aos fluxos de caixa da instituição, os relatórios financeiros devem fornecer informações para ajudar os investidores, credores e outros usuários a verificar os montantes, periodicidade e incerteza relativos aos fluxos de caixa da entidade relacionada.

Para Eliseu Martins dois aspectos podem ser apontados como justificativas para o abandono parcial da abordagem normativa (2005, p.: 15):

- a) Os conceitos de resultado econômico, lucro econômico e demais definições gerais apresentadas são de difícil definição teórica quando existem mercados imperfeitos ou incompletos para os ativos relacionados à operação da empresa. Tais trabalhos não estão direcionados para a contabilidade financeira e suas peculiaridades. O valor da empresa, quando supõe - se a existência de mercados perfeitos, pode ser reduzido simplesmente ao valor presente dos seus dividendos. No entanto, quando se trabalha com mercados não tão perfeitos nenhum modelo apresenta-se como suficientemente adequado para resolver o problema. Dessa forma, as definições contábeis derivadas de conceitos econômicos não podem ser aplicadas à realidade das organizações;
- b) Mesmo em situações nas quais existem mercados perfeitos para a avaliação dos ativos da empresa, os métodos para avaliação e utilização dessas informações podem ser diferentes e conseqüentemente podem produzir resultados muito díspares.

Após a explanação qual o melhor tipo de metodologia aplicada à pesquisa contábil para ser utilizada nos dias atuais? Entende-se que não tem a metodologia perfeita para a pesquisa no campo da ciência contábil, tanto a normativa como a positivista estão para contribuir para o desenvolvimento da teoria contábil.

Pode – se afirmar que nos dias atuais a metodologia mais aplicada para a pesquisa contábil é a positivista tanto aqui no Brasil como nos Estados Unidos.

3.3 - Objetivos da Contabilidade

Para Iudícibus uma afirmação geral é que (2004, p.: 22):

A função fundamental da contabilidade (...) tem permanecido inalterada desde seus primórdios. Sua finalidade é prover os usuários dos demonstrativos financeiros com informações que os ajudarão a tomar decisões. Sem dúvida, tem havido mudanças substanciais nos tipos de usuários e nas formas de informações que tem procurado. Todavia, esta função dos demonstrativos financeiros é fundamental e profunda. O objetivo básico dos demonstrativos financeiros é prover informações útil para a tomada de decisões econômicas.

A decisão sobre o que é útil ou não para a tomada de decisões é, um fator crucial para a contabilidade, pois temos diversos tipos de usuários das informações fornecidas pela contabilidade.

Ainda Iudícibus (2004, p.: 23): “*realiza um breve enunciado dos principais tipos de usuários de informações contábeis, com a natureza básica das informações mais requisitadas por eles, mesmo correndo o risco de não ser completa, poderá auxiliar – nos a entender melhor o problema*”:

Usuário da Informação Contábil	Meta que Desejaria Maximizar ou Tipo de Informação mais Importante
Acionista minoritário	Fluxo regular de dividendos

Acionista majoritário ou com grande participação	Fluxo de dividendos, valor de mercado da ação, lucro por ação
Acionista preferencial	Fluxo de dividendos mínimo ou fixo
Emprestadores em geral	Geração de fluxos de caixa futuros suficientes para receber de volta o capital mais os juros, com segurança
Entidades governamentais	Valor adicionado, produtividade, lucro tributável
Empregados em geral, como assalariados	Fluxo de caixa futuro capaz de assegurar bons aumentos ou manutenção de salários, com segurança; liquidez
Média e alta administração	Retorno sobre o ativo, retorno sobre o patrimônio líquido; situação de liquidez e endividamento confortáveis.

Fonte: Iudícibus, 2004.

O objetivo básico da contabilidade, portanto, pode ser resumido no fornecimento de informações contábeis para os vários tipos de usuários, de forma que propiciem decisões racionais.

Para Iudícibus (2004, p.: 25): *“Estamos cômicos da impossibilidade ou da impraticabilidade atual de obedecer à definição ideal dos objetivos da Contabilidade, mas estamos atuando decisivamente para conhecer melhor nossos usuários”*.

Para Eliseu Martins (2005:112):

Com uma visão extremamente pragmática baseada no Comitê Trueblood do AIPCA, o FASB expressou a seguinte visão a respeito dos objetivos da informação contábil: “a informação contábil e os relatórios financeiros devem fornecer informações que são úteis para atuais e futuros investidores e credores e outros usuários na tomada de decisões racionais sobre crédito, investimento e similares. Tais informações devem ser compreensíveis para todos aqueles que tiverem um entendimento razoável das atividades de negócios e econômicas que estudarem tais relatórios adequadamente.

Os usuários da informação contábil conforme ótica do Fasb (2005, p.: 113):

A ótica do Fasb privilegia claramente o usuário externo da informação contábil. Isso ocorre pelo entendimento de que esses usuários externos não tem o poder de desenhar a contabilidade das empresas para obter informação necessária, como podem fazer os administradores. Essa visão do FASB privilegia fortemente o usuário externo da contabilidade envolvido com decisões de investimentos e de crédito; no arcabouço do FASB, os empregados não são tão bem contemplados, por exemplo. Esse foco em um tipo bem definido de usuário é resultado da composição do Conselho FAF e do FASB, que é fortemente influenciado pela comunidade financeira americana, em termos de recursos e de influencia política.

Podemos afirmar que a convergência das normas contábeis será de grande valia para os usuários da contabilidade pelo mundo fora?

3.3.1 – Enfoques à Teoria da Contabilidade

Vários são os enfoques que a contabilidade propicia entre eles são; fiscal, legal, ético, econômico, comportamental e estrutural e etc.

O **Enfoque Fiscal** é preferido por muitos iniciantes em contabilidade. A contador especialista na área fiscal é de suma importância para as instituições nos dias atuais para realizar a elisão fiscal, ou seja, a redução de tributos para as empresas de forma lícita.

Salienta-se que as leis de impostos surtem impacto na prática contábil e áreas correlatas. Como é exemplo do ajuste no lucro da empresa, créditos de impostos e etc.

Para o ilustre Hendriksen (1999, p.: 23):

O IRS (Internal Revenue Service) não está tão interessado em medir o lucro de uma empresa quanto em determinar a base para fins de tributação. Em consequência, as conclusões da contabilidade fiscal são irrelevantes, para nossos fins. Isto não quer dizer que as várias leis de imposto de renda não tenham exercido um impacto significativo sobre a prática da contabilidade em muitas áreas.

Será mesmo que o IRS não está tão interessado nessas informações? E no Brasil a Receita Federal está?

Para o ilustre Hendriksen (1999, p.: 24):

Infelizmente, as normas de legislação fiscal têm exercido efeitos adversos sobre a teoria e os princípios contábeis em muitas áreas. A tendência no sentido de aceitar as normas de imposto de renda como princípios e práticas contábeis aceitos é lamentável. Eis alguns exemplos:

- a) Qualquer método de depreciação aceitável para fins fiscais também é aceito para fins contábeis, independentemente de obedecer ou não à boa teoria da contabilidade na situação envolvida.
- b) O método UEPS deverá ser utilizado para fins de divulgação de dados financeiros se for utilizado na declaração de rendimentos para fins fiscais.
- c) Itens que poderiam ser capitalizados, em relatórios financeiros, são lançados como despesa, tal como previsto na declaração de rendimentos, para que empresa consiga dedução fiscal o mais despesa possível.
- d) Como a legislação fiscal não o permite, nenhuma provisão é geralmente feita, nos relatórios financeiros, para despesas futuras de conserto e manutenção, exceto indiretamente, e de maneira ocasional, por meio de depreciação acelerada.

O **enfoque ético** faz parte de um dos tipos de enfoque pertencentes à teoria da contabilidade.

Para Hendriksen (1999, p.: 25) “*questões éticas fundamentais fazem parte importante de toda a moderna construção de teorias. O enfoque ético à teoria da contabilidade dá ênfase aos conceitos de justiça, verdade e equidade*”.

Muitos parecem usar o termo verdade querendo dizer “de acordo com os fatos” o que é equivalente ao conceito de “fidelidade de representação”. (Hendriksen 1999:25)

Para Iudícibus (2004, p.: 26) segundo a abordagem ética:

... A contabilidade deveria apresentar-se como justa e não deveria enviesada para todos os interessados. Deveria repousar nas noções de verdade. Ao mesmo tempo em que todos concordam que a Contabilidade deveria ser “verdadeira”, “justa” e “não enviesada”, é muito difícil, como afirma Hendriksen, definir, objetivamente, o que vem a ser “justo”, “verdadeiro” ou “não enviesado”.

Os contadores nos dias atuais conseguem serem éticos?

O **enfoque comportamental** diz que as informações deveriam ser realizadas personalizadas para atenderem aos usuários das informações, para assim tomarem a decisões corretas.

Para Sérgio Iudícibus (2004, p.: 26): “.. *é melhor um procedimento empírico que leve a decisões corretas do que um procedimento contábil conceitualmente correto que possa levar a uma decisão ou a um comportamento inadequado*”.

Nós contadores precisamos realizar pesquisas para descobrirmos quais são os verdadeiros objetivos dos usuários das informações contábeis produzidas por nós, para assim tentarmos satisfazer – lós adequadamente. Será que a contabilidade gerencial não seria uma saída?

O **enfoque macroeconômico** é parecido com o enfoque comportamental, porém com objetivos macroeconômicos definidos.

Para Hendriksen (1999, p.: 26):

Um enfoque macroeconômico procura explicar o efeito de procedimentos alternativos de divulgação de dados sobre indicadores e atividades econômicas num nível mais amplo do que o de uma empresa, como, por exemplo, um setor de atividade ou economia nacional. Alguns desejam ir mais longe do que simples explicações, e argumentam que um dos objetivos da contabilidade deve ser dirigir o comportamento de empresas e indivíduos no sentido da implantação de políticas econômicas específicas. Por exemplo, alguns dizem que os objetivos econômicos nacionais demandam relatórios contábeis que permitam e até estimulem pagamentos maiores de dividendos e investimentos reais mais elevados em períodos de redução da atividade econômica, e desestimulem investimentos em períodos de inflação.

O **enfoque microeconômico** procura explicar os procedimentos utilizados na confecção das demonstrações contábeis no nível da instituição.

Para Hendriksen (1999:26): “*A moderna teoria da contabilidade, apoiada na microeconomia, concentra-se assim na empresa como entidade econômica, encarando o efeito de suas principais atividades na economia por meio de suas operações*”.

O **enfoque social** da contabilidade está ligado diretamente ao campo sociólogo.

Para Iudícibus (2004, p.: 28):

Uma variante desta abordagem é a chamada Contabilidade Social, que consiste em ampliar a evidenciação contábil para incluir informações sobre nível de emprego da entidade, tipos de treinamento, demonstração de valor adicionado etc.

Será que nós contadores estamos dando a devida importância para o enfoque social da contabilidade? E as empresas a sociedade?

3.4 – Evolução do Pensamento Contábil

Não temos nos registros históricos o momento exato que a contabilidade surgiu para o mundo.

Para Hendriksen (1999, p.: 39):

A contabilidade é um produto do Renascimento Italiano, As forças que conduziram a essa renovação do espírito humano na Europa foram às mesmas que criaram a contabilidade. Alguns argumentam até que essas forças não teriam progredido a ponto de moldar nosso mundo atual se não tivesse havido a invenção da contabilidade por partidas dobradas, pois ela criou uma base para o desenvolvimento do capitalismo privado, gerador da riqueza que sustentou o artista, o músico, o religioso e o escritor.

Para o ilustre Schmidt (2000, p.: 15):

A história da contabilidade vem experimentando, nos últimos anos, uma revolução. Recentes trabalhos arqueológicos encontraram vestígios da utilização de sistemas contábeis na pré-história, durante o período mesolítico. O período pré-histórico mesolítico, compreendido entre 10000 e 5000 a.C, foi marcado pelo aquecimento do clima da Terra, pondo fim ao período glacial.

A Ciência Contábil é uma ciência das mais antigas. Aristóteles há mais de 2000 anos já delineava acerca de uma Ciência que controlaria a riqueza, ou seja, a Contabilidade sempre estará presente direta ou indiretamente onde houver Patrimônio (Riqueza para mensuração).

Paulo Schmidt (2000, p.: 15): “... áreas mais férteis, como a antiga Pérsia e a Mesopotâmia, criou uma necessidade até então pouco considerada: o controle do produto da agricultura e da criação de animais”.

Salientamos que o povo mesopotâmico contribuiu muito para a evolução do pensamento contábil, foi neste período em que se encontrou a primeira tábua de diários em forma de símbolos, onde eram feitas as suas escriturações.

Ainda Schmidt (2000, p.: 16):

Em sítios arqueológicos em Israel, Iraque, Turquia, e Irã foram encontrados pequenos artefatos de barro, chamados de fichas, datando de 8000 a 3000 a.C. Escavações também revelaram a existência de outros artefatos de barro assemelhados a caixas, contendo fichas no seu interior e impressões externas – costumes sumeriano para identificar devedores ou outras pessoas – que datavam, os mais antigos, de aproximadamente 3250 a.C., e denominados de envelopes.

Alguns pensadores contábeis indagam que o frei Franciscano, denominado Luca Pacioli, autor da obra *Computis et Scripturis*, sendo primeiro material publicado, que descrevia o sistema de partidas dobradas, ou seja, o raciocínio que se baseava os

lançamentos contábeis tem grande semelhança com a contabilidade que era realizada no período mesopotâmico.

Schimdt (2000, p.: 25): Dois grandes motivos podem ser apontados como propulsores do desenvolvimento do sistema contábeis de partidas dobradas:

- a) O desenvolvimento econômico da área geográfica abrangida pelas cidades de Veneza, Gênova e Florença, criando um ambiente de negócios e um nível comercial bem mais sofisticado que o conhecido até então e dando origem a uma demanda por sistemas contábeis mais sofisticados.
- b) A aprendizagem da tecnologia de impressão de livros na Alemanha e sua rápida disseminação para os grandes centros comerciais da Europa, principalmente para o norte da Itália.

Para o ilustre Hendriksen: (1999, p.: 41) “... as palavras débitos, créditos, lançamentos de diários, razão, contas, balancetes, balanços e demonstrações de resultado remontam à Renascença, ou seja, a Escola Italiana”.

Iudicibus (2004, p.: 34):

Não é descabido afirmar-se que a noção intuitiva de conta e, portanto, de Contabilidade seja, talvez, tão antiga quanto à origem do Homo Sapiens. Alguns historiadores fazem remontar os primeiros sinais objetivos da existência de contas aproximadamente 2.000 anos a.C. Entretanto, antes disso, o homem primitivo, ao inventariar o número de instrumentos de caça e pesca disponíveis, ao contar seus rebanhos, ao contar suas ânforas de bebidas, já estava praticando uma forma rudimentar de Contabilidade.

Pode-se afirmar que a contabilidade está ligada fortemente com o desenvolvimento da sociedade e com o capitalismo?

Ainda Iudicibus (2004, p.: 35):

Entretanto, a preocupação com as propriedades e a riqueza é uma constante no homem da antiguidade (como hoje também o é), e ele teve de ir aperfeiçoando seu instrumento de avaliação da situação patrimonial à medida que as atividades foram – se desenvolvendo em dimensão e em complexidade.

Conforme Schmidt (2000, p.: 19) seguem abaixo os principais estágios da evolução da Contabilidade e sua representação simbólica na pré-história:

I – 8000 a.C.: utilização de simples fichas de barro de vários formatos (esferas, discos, cilindros, triângulos, retângulos, cones, ovóides e tetraedros, cada um representando uma unidade de uma mercadoria específica) para controle de estoque e do fluxo de produtos agrícolas e serviços – coincidindo com o início do cultivo agrícola e da criação e de animais.

II – 4400 a.C.: as fichas tornam-se complexas com cortes em forma de linhas ou pontuações (e ocasionalmente perfuradas), aparecendo nos antigos, bem como em novos formatos (parábolas, em forma de vaso, espirais, etc), coincidindo com a origem do Estado, indicando a necessidade de grande acurácia contábil.

III - 3250 a.C.: surgimento do esquema de garantia com o selo sobre os envelopes de barro para proteger as fichas contábeis (normalmente representando produtos agrícolas que eram de circulação comum) e sistema de amarras de garantia para salvaguardar as fichas contábeis perfuradas (usualmente representando produtos manufaturados). Ambos os esquemas formam impressos com selos pessoais ou institucionais e, com frequência,

usados simultaneamente para dar evidências a inventários e a reclamações de dívidas, bem como ao patrimônio das pessoas e instituições, indicando o aumento do controle legalista e burocrata.

IV – 3200 a.C.: nas superfícies dos envelopes de barro eram também impressas referências a cada ficha colocada no seu interior (ou a cada tipo de ficha combinada com um símbolo numérico) para mostrar facilmente os ativos e o patrimônio representado pelo conteúdo das fichas – constituindo uma espécie de partida dobrada (fichas reais no interior representando os ativos e o registro das fichas impresso na superfície do envelope representando o patrimônio correspondente).

V – 3100 a 3000 a.C.: criação dos primeiros sinais pictográficos com incisões feitas em pedras moles (muito raras em comparação com a abundância das fichas de barro). Surgimento da escrita cuneiforme arcaica (escrita caracterizada por elementos em forma de cunha que serviu para transcrever a língua dos sumérios, a princípio em ideogramas, depois em sílabas), usando muitos símbolos idênticos ou similares para inutilizar as fichas impressas.

Vale lembrar que a revolução industrial contribuiu muito para a evolução do pensamento contábil como são os casos da revolução da produtividade e a sociedade do conhecimento ou revolução gerencial.

Segundo o ilustre Hendriksen (1999, p.: 47) a contribuição da revolução industrial foi:

Os efeitos sobre a contabilidade formam tanto diretos quanto indiretos. Por exemplo, o advento do sistema fabril e da produção em massa resultou na transformação de ativos fixos em custo significativo do processo de produção e distribuição, tornando o conceito de depreciação mais importante. A exigência de grandes volumes de capital, demandando a separação entre investidor e administrador, significou que um dos principais objetivos da contabilidade passou a ser a elaboração de relatórios a proprietários ausentes.

3.4.1 – Idade da Estagnação Contábil

Alguns estudiosos do saber contábil defendem a idéia que a Contabilidade viveu um período de pouco desenvolvimento, ou seja, um período de estagnação contábil entre os anos de 1494 a 1840.

Será que estamos vivenciando um novo período de estagnação contábil?

Para o ilustre Paulo Schimdt (2000, p.: 49):

O desenvolvimento social, político e econômico do mundo foi pequeno nesse período, sofrendo a contabilidade, como um ramo de conhecimento estritamente social, o reflexo desse estado estacionário mundial. Mas isso não justifica a caracterização desse período como de estagnação no desenvolvimento contábil. O mais adequado seria denominá-lo de período de consolidação. O período de 1494 a 1840 deu-se a consolidação do sistema contábil de partidas dobradas, com sua adoção e disseminação por todo mundo.

Observa-se que esse período é mais apropriado chamá-lo de Idade da Consolidação da Contabilidade.

3.4.2 – Primeira Escola de Pensamento Contábil – Escola Contista

Os pensadores da escola contista do século XVIII tinham como preocupação principal a preocupação com o processo de escrituração e com as técnicas de registro por meio dos sistemas de contas.

Para o ilustre Paulo Schimidt (2000, p.: 30):

Para esses pensadores contábeis, que criaram o movimento contista, o processo de escrituração contábil deve estar subordinado ao funcionamento das contas. O objetivo das contas é sempre o de registrar uma dívida a receber ou a pagar, ou seja, o processo central de registro do haver e do dever. Essa preocupação com o registro das contas a receber, e a pagar coincide com a origem do crédito nas relações comerciais, pois para a mesma pessoa existem duas situações distintas em relação ao crédito: ou está devendo ou tem a haver.

3.4.3 – Escola Européia

O enquadramento da contabilidade como elemento essencial da equação aziendalista teve o mérito de chamar a atenção para o fato de que a contabilidade é muito mais do que mero registro; e um instrumento básico de gestão e informações financeiras.

Para o ilustre Sérgio Iudícibus (2004, p.: 37) os defeitos da escola européia passada estão consubstanciados:

a) na relativa falta de pesquisa indutiva sobre a qual efetuar generalizações mais eficazes; b) em se preocupar demasiadamente com a demonstração de que a Contabilidade é ciência, quando o mais importante é conhecer bem as necessidades informativas dos vários usuários da informação contábil e construir um modelo ou sistema contábil de informação adequado; c) na excessiva ênfase na teoria das contas, isto é, no uso exagerado das partidas dobradas, inviabilizando, em alguns casos, a flexibilidade, necessária, principalmente, na Contabilidade Gerencial; d) falta de aplicação de muitas das teorias expostas; e) na queda de nível de algumas das principais faculdades superpovoadas de alunos, com professores mal remunerados, dando expansão mais à imaginação do que à pesquisa de campo e de grupo. Em virtude de peculiaridades da legislação comercial, principalmente na Itália, o grau de confiabilidade e a importância da auditoria não eram ainda tão enfatizados, comparativamente aos Estados Unidos.

Salienta-se que este conjunto de fatores desfavoráveis foi acentuando-se a partir de 1920, com a ascensão do colosso norte americano.

Para Eliseu Martins et al. (2005, p.: 22):

a escola européia pode ser caracterizada como: A noção de uma idiossincrasia fragmentada parece particularmente apropriada para representar a pesquisa européia em contabilidade, uma vez que está focada na questão crucial que está por trás de qualquer tentativa de se lidar com o fenômeno europeu.

Outra característica peculiar à escola europeia é uma certa descrença no paradigma positivo tão apregoado pelos norte-americanos.

3.4.4 – Escola Norte Americana

O grande desenvolvimento da escola norte americana consiste em uma característica peculiar, pois grande parte de seus alicerces teóricos teve origem em entidades ligadas a profissionais da área contábil.

Para Iudícibus (2004, p.: 38) a evolução da Contabilidade nos Estados Unidos apóia –se, portanto em um sólido embasamento, a saber:

- a) o grande avanço e o refinamento das instituições econômicas e sociais;
- b) o investidor médio é um homem que deseja estar permanentemente bem informado, colocando pressões não percebidas no curtíssimo prazo, mas frutíferas nos médio e longo prazos, sobre os elaboradores de demonstrativos financeiros, no sentido de que sejam evidenciadores de tendências;
- c) o governo, as universidades e os institutos de contadores empregam grandes quantias para pesquisas sobre princípios contábeis; e
- d) o Instituto dos Contadores Públicos Americanos é um órgão atuante em matéria de pesquisa contábil, ao contrário do que ocorre em outros países;
- e) mais recentemente, a criação do Financial Accounting Standards Board (FASB) e, a muitos anos, do SEC (a CVM deles), tem propiciado grandes avanços na pesquisa sobre procedimentos contábeis.

Ainda Iudícibus (2004, p.: 40) os defeitos da Escola Americana são os seguintes:

pouca importância atribuída à sistematização dos planos de contas, pelo menos nos livros texto; b) apresentação dos tópicos dos livros de forma não ordenada, dificultando distinguir, às vezes, os de maior importância; c) pouca consideração – por parte dos reguladores na edição de normas contábeis pelo menos até a década de 70 – para o tratamento do problema inflacionário, embora algumas das melhores obras teóricas sobre contabilidade e flutuações de preços tenham sido escritas por autores norte americanos e alemães.

3.4.5 – Escola Inglesa

A escola inglesa dá ênfase a trabalhos históricos. Em muitas escolas européias, o ensino da história da contabilidade é considerado fundamental para o desenvolvimento de uma visão crítica acerca do fenômeno contábil.

Para Eliseu Martins et al. (2005, p.: 26): *“a escola britânica não possui uma linha metodológica definida. Várias abordagens são possíveis dentro da tentativa de se estabelecer uma relação clara entre a contabilidade e o contexto no qual ela opera”*.

4- Considerações Finais

No decorrer desta pesquisa conseguimos concluir que a contabilidade é uma ciência social, tendo como objetivo primordial o fornecimento de informações relevantes para os diversos usuários da contabilidade.

Para o ilustre Sérgio Iudícibus: (2004, p.: 25): *“O objetivo básico da Contabilidade, portanto, pode ser resumido no fornecimento de informações econômicas para os vários usuários, de forma que propiciem decisões racionais”*.

Pode-se constatar que a Contabilidade está intimamente correlacionada com o desenvolvimento do homem e juntamente com o capitalismo.

A Contabilidade não tem uma metodologia de pesquisa principal para o desenvolvimento da teoria Contábil, pode se dizer que cada método como indutivo,

dedutivo, positivista e normativa contribuem de seu modo para o desenvolvimento da Ciências Contábeis.

Para Sérgio Iudícibus (2004, p.: 29):

Qualquer que seja a abordagem ou a composição de abordagens escolhida para a Contabilidade, poderemos utilizar, no estabelecimento dos princípios e dos procedimentos que irão reger a disciplina, dois tipos de raciocínio: o dedutivo e o indutivo. Na verdade, em ciência, vivemos utilizando os dois.

Sabe-se que estamos vivenciando a era da informação ou sociedade do conhecimento, é fato que a empresa que estiver melhor assessorada em termos de informações contábeis possuirá um diferencial competitivo na conjuntura atual do mercado.

A Contabilidade dos dias atuais não se preocupa somente com o registro de informações passadas com a finalidade de elaboração de peças contábeis como Balancetes, DRE, DMPL e etc., e tem como objetivo subsidiar projeções de valores, gerenciamento de ativos intangíveis que são aspectos de suma importância para os dias atuais.

Para o ilustre Antônio Lopes de Sá (1998, p.: 42): *“Contabilidade é a ciência que estuda os fenômenos patrimoniais, preocupando-se com realidades, evidências e comportamentos dos mesmos, em relação à eficácia funcional das células sociais”*.

A evolução do pensamento Contábil está em constante aprimoramento como vimos no decorrer desse trabalho. Desde os primórdios a contabilidade já exercia o seu papel social perante a sociedade.

A Contabilidade no Brasil primeiramente foi influenciada pela Escola Italiana, existe até uma corrente denominada Neopatrimonialismo que possui seu alicerce na Escola Patrimonialista de Masi, mas com o gigante americano ditando as regras em termos de contabilidade o Brasil possui aparentemente uma influência da Escola Americana em termos de procedimentos contábeis até meados de 2002 após essa data o Brasil virou membro do IASB.

Sugere-se novas pesquisas em teoria da contabilidade para evidenciar a sua grandeza epopeia.

REFERÊNCIAS

ANDER-EGG, Ezequiel. **Introducción a las técnicas de investigación social: para trabajadores sociales**. 7º Ed. Buenos Aires: Humanistas, 1978.

BRASIL. Leis etc. **Colecção das Leis do Brazil de 1808**. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1891. p. 74 - 90

BREDA, Michael F; HENDRIKSEN, Eldon S. **Teoria da Contabilidade**. 5º Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

CORTÉS, L.D.G. **LA CIENCIA CONTABLE: SU EPISTEMOLOGÍA Y APORTES A LA SOLUCIÓN DE PROBLEMAS EMERGENTES EN CONTRIBUCIÓN AL DESARROLLO SOSTENIBLE**. Criterio Libre, Bogotá, v. 18, n. 33, p. 155-174, Jul 2020.

IUDÍCIBUS, Sérgio. **Teoria da Contabilidade**. 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2004.

LAKATOS, Eva M; MARCONI, Marina A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3º Ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LOPES, Alexandre B; MARTINS, Eliseu. **Teoria da Contabilidade: Uma Nova Abordagem**. 1º Ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MANOEL RAIMUNDO, S.F.; GILBERTO, D.M. **CONTABILIDADE COMO RAMO DE CONHECIMENTO: CIENCIA, TECNOLOGIA E PRATICA**. Revista Universo Contabil, Blemenau, v. 11, n. 3, p. 27-42, 2015.

MONTIGELLI, N. **O AUTÊNTIO ADAM SMITH**. Rocco. 1º Edição, 2008.

POPPER, Karl. **A Lógica da Pesquisa Científica**. 14ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

SÁ, Antônio L. **Teoria da Contabilidade**. 1ª Ed. São Paulo: Atlas, 1998.

SCHMIDT, Paulo. **História do Pensamento Contábil**. 1ª Ed. Porto Alegre: Bookaman, 2000.

Vergara, Sylvia C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 1º Ed. São Paulo: Editora Hebraica, 2000.

TRUJILLO, Alfonso F. **Metodologia da ciência**. 2º Ed. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

Recebido em: 10/04/2022

Aprovado em: 15/05/2022

Publicado em: 19/05/2022